



Vídeo

Espaço Random | Conselho de Cultura | UMa 2025

Title: “É tudo o que apetece”: entre cinema experimental e território
BAÍA REIS, António, OLIVEIRA, Luísa, JESUS, Luís & COSTA, Valentina

URL: <https://conselhodecultura.uma.pt/er-videos/>

DOI: 10.34640/ervideouma2025reisoliveirajesuscosta

Comissão Científica

António Baía Reis – Universidad de Salamanca (ES)
António Laginha – CDO – CLEPUL-FLUL (PT)
Ana Isabel Moniz – UMa – CEC-UL (PT)
Cláudia Marisa – ESMAE – IS-UP (PT)
Duarte Encarnação – UMa (PT)
Guida Mendes – UMa – CIE (PT)
Inês Rebanda Coelho | CECC- UCP
Mônica Medeiros Ribeiro – UFMG (BR)
Romy Castro | ICNOVA – CM&A
Teresa Norton Dias – UMa – CEMRI (PT)
Sandra Meyer Nunes – UDESC (BR)

Coordenação Editorial

Nascimento, Andreia & Norton-Dias, Teresa

Data do documento: novembro 2025



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

É tudo o que apetece: entre cinema experimental e território

*Entre o champanhe e o shot, entre o bailinho e o bar sticky,
entre Cleópatras psicadélicas e turistas de sandália,
a ilha da Madeira surge aqui como espelho e vertigem. (Baía Reis, 2025)*

Este ensaio audiovisual habita o espaço onde o passado resiste e o presente se repete em loop. Um território de contrastes que levanta sobrancelhas, não conclusões. Revisitando fragmentos dos arquivos da *British Pathé*, o filme confronta a nostalgia exótica dos anos sessenta com a azáfama turística de 2025: os rent-a-cars que serpenteiam as ladeiras frágeis, os arraiais transformados em raves, o traje do bailinho convertido em fetiche visual. Através de imagens, sons e silêncios, a obra questiona o que resta da identidade madeirense quando o sagrado se reinventa à força e o milagre da paisagem é filmado até à exaustão. É um exercício de malabarismo entre preservar e esquecer, entre o verniz da elegância e o vômito da pressa, entre a memória e o colapso. Mais do que um retrato, é uma provocação: um brinde à beleza imprevisível da ilha, e um aviso: *oxalá que caia*, se for essa a única forma de voltar a ver.

Figura 1
Cartaz oficial de “É tudo o que apetece”



Nota: Cartaz oficial do filme na sua estreia no VIII Encontro Internacional Cinema & Território (Madeira, 2025), com desenho original de Luís Jesus no canto inferior, um dos co-autores da obra.

É tudo o que apetece nasce de uma residência de investigação realizada na ilha da Madeira entre 10 e 21 de novembro de 2025, no contexto do VIII Encontro Internacional Cinema & Território, numa edição dedicada a Ingmar Bergman. O ponto de partida é simples e, ao mesmo tempo, desconfortável: o que acontece quando confrontamos as imagens turísticas e coloniais dos anos 60 com a Madeira de hoje, saturada de circulação, consumo e espetacularização da paisagem? A partir dessa pergunta, o investigador António Baía Reis (Universidade de Salamanca / Marie Curie) trabalhou em co-criação com três criadores madeirenses, Luísa Oliveira, Luís Jesus e Valentina Costa, para construir não um documentário explicativo, mas um ensaio audiovisual fragmentário, assumidamente parcial, que trata o território como um campo de tensão e não como cartão-postal. O processo nasce no workshop “Arquivos em Suspensão”, quando o grupo mergulha em imagens da British Pathé dos anos 60: turistas carregados por habitantes locais, gestos coreografados para a câmara, uma ilha exibida como cenário exótico para consumo externo. Essas imagens de arquivo são então colocadas em fricção com filmagens contemporâneas realizadas durante a residência: estradas sobrecarregadas de *rent-a-cars*, arraiais densos e acelerados, performances turísticas diante de paisagens frágeis, símbolos culturais repetidos até à exaustão. A montagem trabalha a Madeira como palimpsesto visual: camadas históricas, simbólicas e económicas sobrepostas, que não encaixam perfeitamente e é nesse desajuste que o filme insiste. Em vez de “explicar” a ilha, o filme pergunta: quem olha? A partir de onde? Com que direito? E o que fica de fora desse enquadramento?

O ensaio organiza-se em torno de quatro eixos que atravessam o filme sem se tornarem capítulos didáticos. Primeiro, a passagem de uma colonialidade explícita - corpos locais a servir, transportar, performar para o visitante estrangeiro - para uma colonialidade do uso, onde a circulação turística (dos carros à lógica da “experiência imperdível”) ocupa e pressiona o território. Segundo, o deslizamento entre ritual e saturação: o gesto codificado de provar um vinho Madeira versus o excesso sensorial dos arraiais contemporâneos, onde o tempo do rito é engolido pelo tempo do consumo. Terceiro, a fetichização de símbolos como o bailinho, que persistem não tanto como prática viva, mas como imagem repetida, pronta a ser fotografada, vendida, exibida. Por fim, a paisagem natural sob pressão: lugares frágeis transformados em cenários performativos, onde o turista que pisa para lá da barreira deixa de ser indivíduo isolado e passa a sintoma de uma relação predatória com o território.

Sem o declarar, o filme dialoga com uma tradição bergmaniana que o Encontro convoca: a imagem não como resposta, mas como dúvida; não como ilustração, mas como abismo entre interioridade e paisagem. Aqui, a ilha não é apenas filmada, ela devolve o olhar. As escolhas de montagem recusam a segurança do comentário em voz-off e usam o choque entre arquivo e presente como forma de pensamento: obrigam o espectador a reconhecer a sua própria posição, seja como turista, seja como habitante, seja como observador “neutro” que talvez nunca o seja verdadeiramente. O que vemos não é “a Madeira”, mas o atrito entre diferentes modos de possuí-la, representá-la, consumi-la e habitar nela.

Este texto-sinopse não encerra o filme: prepara-o. Quem o vê é convidado a suspender a expectativa de narrativa clássica e de diagnóstico definitivo. O que o ensaio propõe é um espaço de fricção visual onde passado e presente se recusam a encaixar, e é dessa desadequação que pode nascer pensamento. Mais do que uma lição sobre turismo, identidade ou território, o filme é um exercício de desconforto: um espelho irregular onde a ilha aparece, sim, mas onde também se reflete a forma como cada um de nós olha, ocupa e sente os lugares que diz amar. A partir daqui ver o filme é aceitar a hipótese de que a imagem não vem

esclarecer nada. Vem, antes, complicar as coisas no ponto exato em que o pensamento começa.

Figura 2

Conversa aberta sobre o processo criativo de “É tudo o que apetece”



Nota: Conversa com a equipa criativa na estreia de “É tudo o que apetece” no VIII Encontro Internacional Cinema & Território (Madeira, 2025).